

ESCREVER SOBRE O QUE VIVO ME CONECTOU COMIGO MESMA

O mundo não se acaba de um instante, mas a represa estoura quando menos se espera. Escrevo porque transbordo. Bordar uma trajetória que me permita ser. Espiar as entranhas, fuxicar com a angústia e com o medo. Alinhar as perdas. Ao derramar sobre o papel a tinta esferográfica, um veia emaranhada de diálogo se delineia entre as várias dimensões de mim. O mapa da procura. Não necessariamente, corpo-mente-alma ou razão e emoção ou qualquer dicotomia que eu possa me valer para explicar as dores e anseios os quais não consigo de forma oral. Escrever, então, é criar esse canal de comunicação. O racismo não é coisa de preto, é coisa de branco. É de lá que nasce a minha desumanização, ao ser preterida, questionada, apontada, desqualificada, desencorajada. Diante da folha branca, me vejo negra, me ouço negra. Existo, mal resisto e conto-me tudo.

Escrever é o meu reflexo no espelho, mas é real meu *black mirror*. Inverter vivências para dar cabimento ao que sou. Pontuar numa linha do tempo enegrecida, não apenas para saber o motivo, mas entender qual a trajetória que fiz e que me trouxe até aqui. Quantas vezes calei para ser aceita, quais recordações ignorei, em quantas zonas de conforto paralisei para não parecer agressiva ou mal-amada? Escrever é minha máscara branca, cara. É minha linguagem mais íntima, profunda, e desgraçada. De posse do lápis, não permito ser inviabilizada. Luto por mim como jamais antes acontecera. Completamente assentada na confiança que rabisco dia a dia.

Enquanto a caneta desliza, reavalio alegrias e tristezas, retrocedo nas palavras, na busca de um sentir mais conectado com o que perdi. Desde a pele até a humanização dos meus sentires. É legítimo quando o perdão pelas violações que tolerei não vem. Confesso que não me esforço para anistiar quem me aprisionou. Não cabe a mim. Escrever para me perdoar e respeitar minhas decisões. Atinei que estar submersa é completamente diferente de afogar-me. Qualquer gota de entendimento, salva! Submergir e voltar com mais ar.

Tornei-me negra na ponta do lápis, ainda na antiga oitava série, quando escrevi pela primeira vez, e, meu professor Marcos, disse-me “continue”. Tal qual uma profecia confirmada anos mais tarde. Meu professor de literatura Marcos, um homem negro. Foi lá naquele dia longínquo que desconfie de uma sensação incômoda a qual só desembrulharia trinta anos depois! “A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio.[...] Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas.”, dona Neusa Santos Souza, no meu quilombo particular. O racismo me descolou do lugar que nasci para ser. Saber-me negra, e escrever sobre isso, fez com que não me engane mais a respeito da franqueza comigo. Aterrando, ainda que de forma lenta a minha capacidade cultivar a minha voz.